FREDRIC JAMESON E O PROBLEMA DAS
ALEGORIAS NACIONAIS NO TERCEIRO
MUNDO

FREDRIC JAMESON AND THE TROUBLE WITH
THE NATIONAL ALLEGORIES IN THE THIRD
WORLD

Wibsson Ribeiro Lopes

Resumo: O presente artigo revisita as elaborações de *Fredric Jameson* sobre a Literatura do Terceiro Mundo e o debate que se seguiu às suas reflexões. Fazemos um apanhado das alterações e reparos que *Jameson* fez de seu pensamento ao longo das décadas de críticas e embates. Por fim, apresentamos uma hipótese de leitura das elaborações do *Warwick Research Collective (Wreck)* como respostas às críticas que *Jameson* sofreu e também como continuação de suas elaborações. Tanto o crítico estadunidense como o coletivo de pesquisadores representam com seus aportes teóricos uma via de debate para o marxismo na área dos estudos *pós-coloniais* dentro do campo literário, a partir da Teoria do *Sistema-Mundo* e da Teoria do *Desenvolvimento Desigual e Combinado*, contribuindo com a problemática da *World-Literature*.

Palavras-chave: Fredric Jameson, Wreck, Literatura-Mundo, Teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado

Abstract: This article revisits the thoughts of Fredric Jameson about the Third World Literature and the debate which follows towards his reflexions. We did a summary of the alterations and repairs that Jameson did of his thoughts during decades of critics and struggles. Finally, we present a hypothesis of lecture of the elaborations of the Warwick Research Collective (Wreck) as an answer to the critics that Jameson suffered and also as a continuation of his elaborations. Such the American critic as the collective of researchers represent with his theoretical contributions a way to debate the Marxism and the area of postcolonial studies inside the literary field, starting from the Theory of the World-System and the Theory of Uneven and combined development, contributing to the problem of the World-Literature

Keywords: Fredric Jameson, Wreck, World-Literature, Theory of the unequal and combined development

Em 1986 Fredric Jameson publicou o ensaio “Third World Literature in the Era of Multinacional Capitalism” (doravante *Third-World Literature*), escrito que abriu um amplo debate no campo do que chamamos de estudos pós-coloniais, bem como em diversas áreas dos estudos literários, principalmente aqueles dedicados a pensar narrativa, identidade, cultura e a relação entre nação e romance. Buscaremos aqui resgatar aspectos importantes desse debate, como as elaborações dos autores que compõem o *Warwick Research Collective* e textos mais recentes do próprio Jameson, que retornou a este ensaio e ao problema das alegorias. A reconstrução desse debate pode nos ajudar a compreender melhor os encontros e enfrentamentos que existem entre estudos pós-coloniais e estudos marxistas na literatura, bem como pensar o desenvolvimento teórico de um dos autores mais importantes da contemporaneidade.

1. Fredric Jameson e a literatura no Terceiro Mundo

Dizer que a obra de Fredric Jameson é muito vasta tornou-se uma obrigatoriedade diante de qualquer apresentação, por mínima que seja, da obra deste autor. Trafegando no terreno da teoria e da crítica literária não só por diversos autores como por diversos temas, inclusive propondo métodos de análise de

objetos literários, Jameson estabeleceu a partir de um marxismo muito guiado por Sartre e por autores ligados à escola de *Frankfurt*, bem como pelos escritos de nomes como Ernst Bloch e Gyorgy Lukács, um diálogo com o assim chamado Estruturalismo e com os autores que viriam a receber o rótulo de pós-estruturalistas no debate acadêmico estadunidense, produzindo um arranjo teórico surpreendente não por um ecletismo anódino, mas pela capacidade de estabelecer diálogos, comparações, aproximações e confrontos com territórios teóricos que pareciam tão distanciados.

A partir desses marcos teóricos, Jameson dedicou-se à leitura de obras literárias, de grandes clássicos como *A montanha Mágica*, de Thomas Mann, até obras consideradas *lowbrow* como Philip K. Dick, Dashiell Hammet, Kim Stanley Robinson e outros; de obras cinematográficas, de poemas, de instalações, de construções arquitetônicas, de peças musicais e muitos outros artefatos culturais. Uma das problemáticas que acompanhou e ainda acompanha sua investigação por todos esses anos diz respeito à sua preocupação com o que chamamos de modernidade, e no terreno da cultura a tentativa de entender a partir disso o que seria o momento modernista do início do século XX e o próprio momento pós-modernista, que o autor viveu e ajudou a pensar desde o final dos

anos 1970, definindo o pós-modernismo, tomando do célebre subtítulo de sua obra mais famosa sobre o tema, como a “lógica cultural do capitalismo tardio”, uma dominante cultural com determinadas características como a fragmentação, o esmaecimento do tempo histórico, o estilhaçamento da subjetividade burguesa, a sensação de incomensurabilidade espacial vivida nas grandes cidades, um sentimento de presentismo expresso em obras que utilizam de paródias de gêneros passados como mercadorias à disposição em prateleiras de supermercado, dentre outras características (JAMESON, 1997).

O ensaio *Third World Literature* foi publicado em meados dos anos 1980, quando Jameson já havia publicado um grande livro sobre suas pesquisas a respeito da figura retórica da alegoria, o livro *Political Unconscious* (JAMESON, 2006), já havia dedicado alguns textos para pensar alegorias no cinema, como o texto *Reification and Utopia in the Mass Culture* (JAMESON, 2007) e já iniciara as reflexões sobre o pós-modernismo e sua relação com o estágio atual do capitalismo, que à época ele chamava de sociedade de consumo. Veremos a seguir como no ensaio *Third World Literature* estas preocupações confluem, mas para pensar a literatura de países considerados à margem. Jameson, ele próprio um dos teóricos da pós-modernidade, viu-se em um momento chave dos

debates dentro da virada pós-modernista, em que se questionavam os grandes paradigmas narrativos, inclusive o marxismo, ao qual o autor é filiado, e as propostas de leituras cujo enfoque prioritário é o território da nação. Dois terrenos espinhosos que o ensaio abordava incisivamente.

Passemos ao ensaio. Não custa muito notar porque ele foi marcado por tantas polêmicas, já que logo na primeira página, quando Jameson observa que há um retorno recente da problemática nacional, o quanto esta se apresenta de modo diferente no terceiro-mundo, uma categoria que ele mesmo considera problemática, e incapaz de dar conta de realidades tão diferentes como são a Ásia, a América Latina e a África em comparação com os Estados Unidos e o centro da Europa. O autor demarca, então, que não faz sentido compararmos a produção literária destes países subalternos com clássicos como Proust ou Homero, sendo os textos subalternos incapazes de produzir o mesmo efeito que estas obras mais antigas (JAMESON, 1986, p.65). Ao invés de frisar o que poderia ser uma visão marcadamente branca e hegemônica, o que Jameson parece querer capturar aqui é o que há de mais específico na produção literária oriunda de continentes como a Ásia, a África e a América Latina, utilizando a categoria do terceiro-mundo apenas com função descritiva, para abordar as

regiões do globo marcadas pelo colonialismo e pelo imperialismo, (JAMESON, 1986, p.67), ou, como dirá Lazarus, como um termo capaz, na ausência de outro melhor, de dar conta da estruturalidade da ordem mundial contemporânea (LAZARUS, 2004, p.79). De todo modo, a polêmica já está lançada.

Jameson prefere ver nesses textos vindo do terceiro-mundo os provocadores de uma estranha atração, a atração exercida por um “Outro-leitor” (JAMESON, 1986, p.66) tão diferente do leitor estadunidense, e que de alguma forma faz com que o ocidente do chamado primeiro mundo se confronte com sedimentações de tempo que pareciam perdidas, outras temporalidades que reemergem de forma inquietante. Sugere também que o olhar da metrópole sobre esses textos deve ser feito de modo a conceber a enorme luta cultural que está em jogo, a modernização, a colonização imperialista que se dá de modo a apagar culturas milenares, acomodar esses antigos modos de produção ao modo de produção capitalista (JAMESON, 1986, p.67).

Mas o trecho que tornou-se o centro do debate em torno desse texto de Jameson é aquele que aborda diretamente a hipótese do autor sobre as alegorias nacionais:

All third-world texts are necessarily, I want to argue, allegorical, and in a very specific

way: they are to be read as what I will call national allegories, even when, or perhaps I should say, particularly when their forms develop out of predominantly western machineries of representation, such as the novel. (JAMESON, 1986, p.69).

As objeções a esta afirmação, hoje, nos parecem óbvias: querer confinar toda a produção literária de regiões tão complexas do globo há um único expediente não parece uma boa ideia, mais ainda se lembrarmos que o que marcou o estudo crítico destas escritas foi a identificação de características como o hibridismo e a multiplicidade.

O desenvolvimento de Jameson a esse respeito segue a articulação entre o que ele chama de divisão entre público e privado nas sociedades orientais: respectivamente, Karl Marx e Sigmund Freud teriam inaugurado as duas tentativas mais célebres de interpretar de um lado o político, o econômico, a luta de classes e de outro o âmbito psicológico e individual da sexualidade, do inconsciente e do poético, marcando assim uma cisão que jamais pôde ser reintegrada definitivamente nas sociedades imperialistas. O mesmo não acontece no terceiro mundo, para o crítico norte americano, visto que nessas regiões o privado está automaticamente imbuído de um componente político forte e projeta uma dimensão polí-

tica na forma da alegoria nacional: *"the story of the private individual destiny is always an allegory of the embattled situation of the public third-world culture and society."* (JAMESON, 1986, p.69) Nestas sociedades o investimento libidinal deveria ser lido prioritariamente em termos políticos e sociais (JAMESON, 1986, p.72).

Uma consequência interessante deste raciocínio, ainda desenvolvido no ensaio "Third World Literature", é a que diz respeito à função do intelectual: no terceiro mundo esta função também é eminentemente política, imbuída de uma atividade social; todo intelectual seria um intelectual político (JAMESON, 1986, p.74). Estes intelectuais, lidando com a condição subalterna, devem ser julgados dentro de seu esforço para realizar o que Jameson chama de "revolução cultural", o esforço constante de superar justamente essa condição de subalternidade, um esforço que é cultural e político ao mesmo tempo, que envolve a produção literária e teórica mas também atividade prática (JAMESON, 1986, p.76).

Nesse momento o artigo faz uma pausa para mais uma vez salientar as contradições em que ele está envolvido. Assim como quando se decide por utilizar a noção de terceiro-mundo, também quando se engaja na tentativa de construir uma diferenciação entre o mundo metropolitano e a periferia e a semiperiferia

(termos extraídos da obra de Wallerstein e que serão aproveitados também pelo Warwick Collective, como veremos) se incorre em um problema, aqui precisamente aquele que Said caracterizou como orientalismo; mesmo incorrendo em divisões problemáticas entre um “nós” e um “eles” e na produção de algum tipo de exotismo para com o outro (JAMESON, 1986, p.78), Jameson vê como inevitável a tentativa de pensar, caracterizar, ir até o limite no pensamento dessa diferença entre sociedades e produções intelectuais.

Retomando as diferenças, então, Jameson arremata o que seria para ele a principal diferença entre as alegorias no primeiro e no terceiro mundo:

Such allegorical structures, then, are not so much absent from first-world cultural texts as they are unconscious, and therefore they must be deciphered by interpretive mechanisms that necessarily entail a whole social and historical critique of our current first-world situation. The point here is that, in distinction to the unconscious allegories of our own cultural texts, third-world national allegories are conscious and overt: they imply a radically different and objective relationship of politics to libidinal dynamics (JAMESON, 1986, p.79-80)

Estas diferenças aparecem como consequência mais uma vez dessa distinção entre como as dinâmicas libidinais se dão em cada região, como o público e o privado se relacionam de modo diferente. Conclui-se o artigo pensando na importância de uma consciência situacional, um ponto que, ao que nos parece, foi perdido nas críticas a Jameson, e é nele que talvez resida a força de seu texto: o autor se propõe o tempo todo a falar como um ventríloquo, a se aproximar ao máximo do pensamento recorrente nas Universidades americanas (e seu texto foi inicialmente uma leitura para um público formado de acadêmicos estadunidenses), ou seja, inscrevendo sua hipótese dentro do próprio problema dos limites em como a universidade norte-americana e sua produção teórica enxerga o mundo e as produções que seriam estranhas as suas. Um outro ponto que parece ter sido deixado de lado é como para o autor a nação sempre está articulada em um sistema, um conjunto de nações-estado cujo conteúdo também está plasmado nas formas alegóricas, uma visão que está presente já no ensaio sobre o modernismo de Wyndham Lewys, de 1979 e que é parte do pensamento de Jameson de nunca considerar as nações como unidades isoladas, mas como parte da totalidade do capitalismo (JAMESON, 2008, p. 94), a alegoria nacional, para ele, deveria ser entendida como “a formal attempt to bridge the increasing gap between the existential data

of everyday life within a given nation-state and the structural tendency of monopoly capital to develop on a worldwide, essentially transnational scale” (JAMESON, 2008, p.95). Por fim, este sistema narrativo que é a alegoria nacional assumiria a forma do que Lyotard chamava de um aparato libidinal (libidinal apparatus), “an empty form or structural matrix in which a charge of free-floating and inchoate fantasy --both ideological and psychoanalytic--can suddenly crystallize, and find the articulated figuration essential for its social actuality and psychic effectivity” (JAMESON, 2008, p.79).

Fazendo um balanço das discussões que se seguiram à publicação de Jameson, Neil Lazarus traça uma rota de debate que teria se iniciado com o artigo de Ahmad (AHMAD,1987) e sua crítica ao que seria um reducionismo do ensaio ao caracterizar a alegoria nacional como um procedimento único na literatura do terceiro mundo (termo que obviamente Ahmad também considera problemático). Lazarus observa como uma crítica que iniciou-se como um debate dentro do campo do marxismo derivou para uma crítica pós-colonial contra o marxismo enquanto método, algo que inclusive trairia a intenção inicial de Ahmad. Lazarus propõe que o terceiro-mundismo seja visto como um desejo político, expresso por exemplo na luta revolucionária da guerrilha cubana, mas também na sua produção literária e cinematográfica e, com o auxílio

das reflexões de Neil Larsen (LARSEN, 2001) propõe que a busca pela construção de alegorias nacionais seja visto como uma *tendência* no terceiro mundo, e não uma lei férrea de composição. Visão que se coaduna com a de Buchanan, que defende a ideia de que o terceiro mundo em Jameson é um significante vazio, estando o crítico estadunidense bem ciente de que o terceiro mundo não existe enquanto um espaço geográfico estrito e homogêneo, não sendo também um conceito formal, mas algo entre o conceito e a designação pura e simples (BUCHANAN, 2006, p.178).

Críticas, desenvolvidas a partir da leitura de Ahmad (AHMAD, 1987), de que os povos do terceiro mundo, na visão de Jameson seriam “povos sem história” são vistas com muito desdém por Lazarus, já que no ensaio *Third World Literature* a situação do terceiro mundo é definida justamente pela ação do colonialismo e do imperialismo, que exploraram esses povos, o que acarretaria sim em uma visão de uma ação da história, uma ação inclusive com custos traumáticos, marcando com sangue e exploração o legado destes continentes (LAZARUS, 2004, p.80), o que ao mesmo tempo questionaria a visão proposta por Rosemary Marangoly George a partir do termo allacronia, e a ideia de que Jameson, ao elaborar uma distinção binária entre primeiro e terceiro mundo, estabelecería uma desigualdade temporal (APUD LA-

ZARUS, 2004, p.73), como se o terceiro mundo estivesse em algum lugar do passado, e não convivendo no mesmo tempo histórico que o primeiro. Julgamos que esta é uma abordagem que não leva em conta o que apresentamos até aqui e lê com má vontade a abordagem marxista do desenvolvimento desigual e combinado, que será retomada pelo Warwick Collective.

Mas há críticas feitas por Ahmad que são sim muito procedentes e não parecem ter sido respondidas a contento por Lazarus, nem tampouco encontram resposta no ensaio original de Jameson.

A primeira delas diz respeito ao reducionismo de Jameson, que de fato segue provocando um mal-estar. Ahmad questiona não só a afirmação de que toda literatura do terceiro mundo estaria confinada à elaboração de alegorias, o que colocaria práticas literárias como a poética urdu, característica da região do Paquistão que Ahmad pertence, em uma espécie de limbo, como também o modo como Jameson tenta dar conta de um corpus de análise, já que como estadunidense está restrito muitas vezes aos livros que são traduzidos para o inglês (AHMAD, 1987, p.4-5). Ainda que Lazarus (LAZARUS, 2004) argumente bem em defesa da possibilidade de se ler um conjunto variado de textos de diversos países e construir juízos universais a partir dessa leitura, o que nos parece correto e capaz de escapar ao particularismo de

restringir às leituras ao idioma original, uma postura que muitas vezes enfraquece o papel da circulação e da divulgação dos textos, cremos que Ahmad coloca um problema que diz respeito a como lidar com o conjunto de obras literárias de grandes regiões, como continentes ou mesmo o que chamaríamos de literatura mundial ou literatura mundo. Ahmad questiona o procedimento metodológico de Jameson, algo sem dúvidas muito válido.

As antecipações de Jameson não são suficientes para convencer Ahmad. Ainda que aquele admita todas as contradições presentes dentro de seu próprio ensaio, o crítico paquistanês não se furta a observar como considerar o conceito de literatura do terceiro mundo como meramente descritivo não o perdoa de redundar em orientalismo, já que descrever é justamente o método com que os autores brancos do centro europeu e dos Estados Unidos confinam a diversidade oriental (AHMAD, 1987, p.6). Para não nos determos no fato de que realmente fica muito mal explicada a forma como Jameson define os textos do terceiro mundo como não canônicos, o que também confina estas obras em posições muito estanques (García-Marquez ou Salman Rushdie, este último lembrado por Ahmad, não seriam canônicos?)

Gostaríamos de nos deter agora no problema envolvendo a questão da temporalidade levantado por

Ahmad e por tantos outros críticos. Ainda que concordemos com o argumento de Lazarus que lembramos acima, o de que falar de colonialismo e imperialismo é falar de história, de fato é pertinente reconhecer que Jameson fala da temporalidade do terceiro mundo de forma vaga. Mais, não discutir com seriedade esta questão pode levar a rotular todas as sociedades fora dos centros capitalistas como sociedades pré-industriais ou povos sem história. É aí que pensamos que as reflexões posteriores de Fredric Jameson e do *Warwick Research Collective* (doravante WReC) podem oferecer respostas interessantes sobre o tempo dentro de uma era em que o capital tomou conta de todas as partes do globo. Voltemo-nos então para os textos mais recentes de Jameson sobre as questões do nacionalismo e da modernidade.

2. De volta às alegorias nacionais

A primeira resposta de Jameson ao ensaio de Ahmad ocorreu em 1987, uma curta resposta em que o crítico estadunidense manteve a necessidade de se comparar a produção do primeiro com a do terceiro mundo, mas fez questão de em um curto parágrafo confundir e mostrar que essas não são posições fixas, ao afirmar que há uma literatura do terceiro mundo nos Estados Unidos e que dificilmente impérios do

Oriente Antigo e o Renascimento europeu pertenceriam ao terceiro e primeiro mundo, respectivamente. A insistência de Jameson na sua breve resposta é a de mostrar sua preocupação com o local onde o crítico ou a produção estética estão *situados* e “determinados social e ideologicamente por nossas múltiplas posições de classe” (JAMESON, 1988, p.184). Jameson encerra sua breve resposta elencando tarefas as quais seu ensaio original estaria comprometido e que ele avalia como centrais no trato do tema das literaturas de terceiro mundo:

a necessidade de se ensinar literaturas do terceiro mundo; o reconhecimento do desafio que colocam até mesmo para a teoria contemporânea mais avançada; a necessidade de uma forma *relacional* de pensar a cultura global (de modo que não possamos de agora em diante pensar a literatura do “primeiro mundo” isolada dos outros espaços globais); a proposta de um estudo comparativo das situações culturais (a respeito da qual eu talvez tenha sido mais claro aqui, mas cuja cifra no ensaio em questão era o *slogan* “modo de produção”); e, finalmente, a sugestão (que Ahmad parece endossar) de que, quando houvermos terminado com tudo isso, poderemos pensar na possibilidade de que também necessitamos igualmente de uma (nova) teoria da cultura do segundo mundo (JAMESON, 1988, p.184).

Tal declaração de interesses parecia uma forma de Jameson estender a mão para pesquisadores das diversas partes do mundo, mas ainda não seriam um acerto de contas com as críticas de Ahmad. Uma reflexão e reelaboração de seu ensaio original só viria à luz décadas depois. Jameson só retornou aos temas ali contados em um posfácio para o *Journal of Zizek Studies* (JAMESON, 2018) e republicou o ensaio, com modificações, em seu último livro, *Allegory And ideology* (JAMESON, 2019). A partir de agora nos voltaremos para pensar o que Jameson quer dizer quando fala em nação e nacionalismo e como ele reelaborou parte de seu pensamento a partir da crítica que recebeu de Ahmad e de outros autores.

Os recuos em relação ao ensaio de 1986, e em relação à própria defesa de Neil Lazarus, são evidentes. Primeiro, em relação ao termo Nacionalismo. Para Jameson, ele está mantido, desde que se entenda que quer falar de Nacionalismo principalmente como “ a popular unity forged around the project of national liberation and the achievement of the nation state” (JAMESON, 2018, p.166), não é do interesse de Jameson falar de Nacionalismo quando este chega ao poder, visto que uma série de tentativas nesse sentido resultaram em fracasso, principalmente com a consolidação de uma globalização econômica que se

estabeleceu sem dar espaço para novas formas políticas de resistência.

Jameson ainda insiste na presença de alegorias, mas principalmente desses grupos, dessas unidades que antes eram concebidas como nacionais (JAMESON, 2018, p.168), o que mostra uma ampliação da proposta inicial, sem alterar sua substância, podendo entender estes grupos como baseados em gêneros, raças, etnias, linguagens etc., não necessariamente confinados ao terreno da nação estritamente. Tal proposta conflui com a leitura feita por Szeman, que via na alegoria nacional um termo facilmente substituível por “alegoria política” (SZEMAN, 2006, p.200); nação enunciaria um padrão cultural que na verdade nomearia um problema muito maior, a solução para um antigo dilema que teria agora se tornado parte de um novo processo (SZEMAN, 2011).

Quanto ao termo terceiro-mundo, Jameson identifica nele a marca de um período histórico, no qual a expressão encontrava-se em uso e identificava diretamente uma problemática que dizia respeito ao que ele queria enfrentar no ensaio. Nisso pensamos estar de acordo com a atribuição de Lazarus de que o terceiro-mundo seria a expressão de um desejo político, como mencionamos anteriormente, mas terceiro-mundo para Jameson foi um termo de limites históricos precisos, aquele das lutas anticoloniais de

libertação nacional, que teriam se concluído em 1975 com a luta do Vietnã (JAMESON, 2018, p.165).

Em sua obra mais recente *Allegory and ideology*, Jameson retorna ao seu artigo de 1986 e volta a discussão para termos políticos. A discussão política que interessa a Jameson diz respeito à representação de uma incomensurabilidade entre o local e o global, uma espécie de falta de sincronia entre a luta de classes dentro de realidades nacionais e o conflito maior envolvendo o Capital e as transformações que ele opera enquanto relação social fundamental de um sistema mundial. As contradições e incongruências entre esses dois momentos, esse intervalo de difícil preenchimento, são a fonte da preocupação de Jameson, que enxerga no atual momento histórico a impossibilidade de elaborar novas formas de atuação e mesmo formas de representar essa coletividade ausente, necessária para efetivar as transformações históricas, que nas lutas nacionais fora preenchida por diversos grupos nacionalistas, ou no auge das lutas da II Internacional Comunista pelo Partido operário (JAMESON, 2019, Epub). A importância das alegorias está na possibilidade, para o autor, desta figura retórica funcionar com uma capacidade narrativa, de dar conta, mesmo diante da impossibilidade e incompletude inerentes a este procedimento, desta totalidade, não entendida aqui como uma posição de

total conhecimento mas, resgatando a expressão de Lukács, como uma “aspiração à totalidade” (JAMESON, 2019, Epub).

Mas quanto à questão desta coletividade e como nomeá-la, Jameson irá mais longe, recorrendo a um conceito proposto por Ibn Khaldun, conhecido como *asabiyya*, termo que os tradutores, segundo Jameson, apresentam como “sentimento de grupo” (*group feeling*), uma coesão que está acima da coesão familiar. Além disso, o conceito estabelece qualidades para Jameson por preceder a família, não ser um conceito psicológico e por em si insistir em

an indistinguishable relationship between body and spirit, between object and subject, between a collective materiality and a collective ideology or group spirit; and it posits the constitutive relationship of this first solidarity to the social coherence of the society as such, without passing through abstract political arrangements. (JAMESON, 2019, Epub)

A dificuldade aí presente é que seguindo com a análise do autor, o coletivo “cannot be conceptualized, yet we cannot not give it a name or acknowledge its being” (JAMESON, 2019, Epub).

Já no que diz respeito aos problemas envolvendo as diferentes temporalidades, pensamos que as

elaborações presentes na obra *A singular modernity* (JAMESON, 2012), podem nos ser de grande valia. Dizendo de forma um tanto brusca e condensando uma discussão de maior desenvolvimento, podemos extrair das conclusões do autor a ideia de que não existem várias modernidades, mas uma única modernidade (que pode ser entendida como um outro nome para capitalismo), uma modernidade que se choca com as temporalidades tradicionais de continentes e nações, formando o que podem se aparentar com incongruências temporais, justaposições, formações deslocadas que, na verdade, são o próprio desenvolvimento temporal moderno, a “simultaneidade do não simultâneo”, como diria Ernst Bloch (bloch, 1977). Esta modernidade não se desenvolve de forma linear e inevitável, mas se combina com outros tempos formando momentos particulares de região para região. As formas culturais dessas regiões obedecerão a estas particularidades.

Tomemos como exemplo o realismo mágico, gênero responsável pelo boom latino americano do final dos anos 1960 e 1970. Na análise de Jameson, este gênero seria composto pelo material bruto dos mitos tribais e das histórias camponesas e pré-modernas da América Latina, e poderia ser visto como uma alternativa ao estilo narrativo da pós-modernidade (JAMESON, 2007, Epub), ao invés da típica narrati-

va nostálgica que caracterizaria o pós-modernismo, onde teríamos um passado reificado, hipostasiado, nas narrativas mágico-realistas veríamos um modo formal oriundo de um meio em que formas arcaicas e pré-capitalistas de sociedade convivem simultaneamente com as tecnologias mais avançadas e os elementos mais recentes da modernização, ou seja, um imbricamento entre distintos modos de produção (JAMESON, 2007, epub).

Por fim, antes de passarmos ao WReC, cabe lembrar que dizer que um discurso é alegórico para Jameson não implica em um juízo redutor, muito pelo contrário: as análises de Jameson, seja de filmes, obras literárias, poemas ou músicas sempre são análises de alegorias, o interesse maior está em averiguar o conteúdo destas, ou mais precisamente, os traços de utopia nelas presentes.

3. Warwick Research Collective e a Teoria do desenvolvimento desigual e combinado

Formado a partir do trabalho cooperativo de diversos intelectuais que se dedicaram por décadas aos estudos pós-coloniais, do terceiro mundo, e da literatura mundial ou literatura mundo, o *Warwick collective*, ou WReC, estabeleceu uma renovação nos estudos da *World-Literature* a partir de um resgate de

ideias vinculadas ao marxismo e também às ideias de Jameson que estamos aqui discutindo. É possível ler nos seus textos uma resposta a várias das objeções lançadas ao texto “Third World Literature”, de 1986, objeções que, como vimos, geram questionamentos ao próprio marxismo como corrente teórica e metodológica capaz de dar conta de problemas envolvendo regiões que não fazem parte do centro ocidental.

Um dos elementos mais criativos da argumentação do WReC está no resgate da Teoria do desenvolvimento desigual e combinado de Leon Trotsky, elaborada por ele na História da Revolução Russa (TROTSKY, 1977). Pensando a peculiaridade da Rússia, Trotsky questionava a proposição de uma história linear, cujos modos de produção se sucederiam organizadamente, e via como em seu país existiam relações sociais que remontavam ainda ao feudalismo, ou melhor, via nas relações camponesas ainda resquícios da servidão e de uma mentalidade anterior ao capitalismo, enquanto que observava em centros como Moscou e São Petersburgo a pujança do desenvolvimento capitalista, a proliferação de grandes fábricas, as avenidas como a Nevsky, repletas de vitrines e anúncios publicitários como a admirada Paris da virada do Século XIX para o Século XX. Por observar esta simultaneidade temporária, esta coexistência de modos de produção e não uma sequen-

cialidade formal, Trotsky formulou a Teoria de que no capitalismo haveria um desenvolvimento temporal desigual e combinado; as regiões e continentes se desenvolveriam de forma desigual, mas simultaneamente, combinando distintos modos de produção e estabelecendo formas sociais particulares, amálgamas de formas contemporâneas e arcaicas.

A partir da Teoria do desenvolvimento desigual e combinado (que é uma teoria que parece estar presente implicitamente em todas as formulações de Fredric Jameson que abordamos até aqui) o WReC retornará ao pensamento sobre a modernidade e sobre a literatura mundo, pensando como, só havendo uma modernidade, teríamos romances, poemas, crônicas e formas literárias diversas nascendo no seio de sociedades onde capitalismo e formas pré-modernas coexistiriam, dando a ver nestas obras temporalidades diferentes. Falando novamente com Jameson, em um outro texto sobre o realismo mágico, este observava que, assim como para Le Corbusier as moradias deveriam ser vistas como “máquinas de morar”, deveríamos ver os romances como máquinas de temporalidade, artefatos culturais que nos colocariam em contato com certas formas de experimentar o tempo (JAMESON, 2017, p.29) . É uma afirmação que tem consonância com o que é apresentado pelo WReC e nos parece apontar para uma resposta interessante

às críticas colocadas ao ensaio *Third World Literature*, de 1986. A partir daí, o WReC retorna ao problema da literatura mundial, pensada como um sistema, estruturado a partir de suas desigualdades (WREC, 2015, p 7). Daí que o WReC passe a grifar literatura mundo com um hífen, realçando seu parentesco com a teoria do sistema-mundo de Wallerstein; falemos então em literatura-mundo

A single but radically uneven world-system;
a singular modernity, combined and uneven;
and a literature that variously registers this
combined unevenness in both its form and
its content to reveal itself as, properly speaking,
world-literature - these propositions
sum up the kernel of our argument. (WREC,
2015, p.49)

Chamamos atenção aqui para a palavra *registro*. É isto que a literatura faz, registra estas temporalidades, como exemplificado pelo realismo mágico na análise de Fredric Jameson. Por meio de uma visão que inclui toda a literatura mundial dos últimos duzentos anos, ou seja, o período marcado por uma modernização capitalista mundial, o WReC se dispõe a analisar os choques entre centro e periferia, uma relação dialética que se registra na literatura, observando como esses conflitos se dão não só nas margens e nos continentes que foram dominados pelo imperialismo, mas

também em regiões hegemônicas, como o centro da Europa e os Estados Unidos. Conceba-se esse raciocínio com o cuidado de que, para o WReC, as posições de centro e periferia (ou semiperiferia) são sempre relativizáveis e postas em questão, transitórias: por vezes a literatura feita no centro é produzida por escritores advindos das margens, muitas vezes o centro é marcado por clivagens em seu interior que também questionam uma possível homogeneidade de seu domínio, dentre tantas outras problemáticas que não nos permitem estabelecer uma visão essencialista de centro e periferia (WREC, 2016,p55). Além disso, não é só o imperialismo cultural que determina as relações entre centro e periferia, por vezes formas menores que se desenvolvem na semiperiferia e na periferia invadem o centro e modificam o seu fazer literário (WREC, 2015, p.56); o WReC ainda afirma que as regiões subdesenvolvidas e dependentes vivem um tempo coevo ao dos países desenvolvidos e que são nesses locais periféricos e semiperiféricos em que “the pressures of combined and uneven development find their most pronounced or profound registration - including in the sphere of culture, where new forms are likely to emerge, oriented (and uniquely responsive) to these pressures, which constitute their final determinants” (WREC, 2015, p.62).

O WReC irá definir o atributo do irrealismo como fundamental para se entender as manifestações literárias na modernidade, ou pós-modernidade, sendo esse irrealismo o registro formal da perifericalidade (*peripherality*) no sistema literário-mundial (*world-literary system*), consistindo nos atributos que caracterizamos como parte do modernismo: estilo indireto livre, fluxo de consciência, saltos temporais, pontos de vista contraditórios, narradores não confiáveis, narrativas não lineares, dispositivos meta-narrativos etc. Atributos esses que seriam fruto do diálogo do autor com as formas narrativas de seu meio, sejam elas mitos, lendas locais, anedotas, narrativas tradicionais ou outras formas, muitas vezes não literárias, presentes em seu meio cultural (WREC, 2015, p.52). Contra a dicotomia entre realismo e modernismo, que se estabeleceu a partir do confronto entre autores como Adorno e Lukács, o WReC irá propor que se enxergue, à luz da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, o quanto o realismo e o modernismo estão relacionados, percebendo nas técnicas modernistas meios de se atingir uma função realista, evidente em escritores como Joyce ou Machado de Assis, e como o realismo por vezes é a melhor forma de lidar com a modernização, escapando da pressão por transformar narrativas e prosas em mercadorias, sendo o realismo uma forma avançada, contendo por vezes atributos que seriam, em uma vi-

são tradicional, particulares do modernismo. Elimina-se assim a visão de que realismo e modernismo seriam estágios sucessivos de produção literária. Por fim, o valor da ideia de conceber a literatura-mundo como sistema estaria expresso na possibilidade de se comparar distintas produções, de lugares e regiões diferentes a partir da característica central do irrealismo como ponto de partida (WREC, 2015, p.68). O WReC ainda observa como podem ocorrer variações entre a ocupação de uma posição mais progressista, ora do modernismo, ora do realismo (WREC, 2015, p.80) a depender de cada contexto e situação histórica e também como o desenvolvimento de um arquivo oficial a partir do aparato estatal influencia na consolidação do realismo (WREC, 2015, p.77).

Reconhecendo a afinidade entre o debate posto pelo Wrec e o ensaio original de Jameson, Majunder irá postular que o crítico estadunidense em seu texto seminal de 1986 teria antecipado os atuais debates sobre a literatura mundo a partir de um viés materialista, bem como a pertinência de se observar as características específicas de uma literatura periférica, observando ainda que com a desapareição do chamado terceiro mundo do horizonte político a leitura de Jameson se torna ainda mais relevante, posto que a relação entre países periféricos e os centros do sistema capitalista não desapareceu, mas assumiu no-

vas configurações; além disso, o ensaio de Jameson atestaria a arena da cultura como palco de uma luta emancipatória (MAJUNDER, 2017, p.3-4). Para Majunder, a expressão “terceiro mundo” em Jameson teria valor de método heurístico e interpretativo, nada a ver com uma estratégia essencialista e eurocêntrica, mas uma forma de delinear os contornos dessa estética da periferia, uma forma que se coaduna com a estratégia do Wrec de observar como o desenvolvimento desigual e combinado afeta a forma romanesca (MAJUNDER, 2017, p.8). Como forma de matizar a afirmação original do ensaio de 1986, Majunder observa que a questão é que os textos da periferia se inscrevem na condição de possibilidade de serem alegorias nacionais (MAJUNDER, 2017, p.9).

4. Conclusão

Nosso intuito nesse artigo foi o de apresentar como uma discussão que progrediu por décadas auxiliou na transformação do pensamento de um dos mais criativos teóricos da contemporaneidade, ao passo que também forneceu uma forma de visualizar a produtividade envolvida nas disputas entre marxismo e pós-colonialismo, evidenciando a fecundidade do primeiro e sua atualidade ainda em trabalhos recentes como o do *Warwick collective*, tentando elimi-

nar a visão por vezes injusta que se tem em relação de que a teoria marxista da história representaria sempre uma visão evolucionista, linear e eurocêntrica das transformações históricas e das maneiras possíveis de se pensar o tempo a partir da literatura.

É claro que esta transformação também envolve o debate honesto e julgamos pertinente a postura intelectual de se voltar atrás em certas discussões, no caso aqui específico de Fredric Jameson o reconhecimento de que a problemática nacional se não está totalmente esgotada em nosso momento histórico inevitavelmente não tem a primazia que pode ter tido há décadas atrás, e não pode ser afixada em uma posição superior como o fora, sob o risco de cairmos em reducionismos brutais e apagarmos outras manifestações literárias criativas.

Referências

AHMAD, Aijaz. Jameson's Rhetoric of Otherness and the "National Allegory". *Social Text*, No. 17 (Autumn, 1987), p. 3-25.

BLOCH, Ernst. Nonsynchronism and the Obligation to Its Dialectics. *New German Critique*, N. 11 (Spring, 1977), p. 22-38.

BUCHANAN, Ian. National allegory today: a return to Jameson. In. BUCHANAN, Ian; IRR, Caren (orgs.) *On*

Jameson: From postmodernism to globalization. New York: Suny Press, 2006. p. 173–188.

JAMESON, Fredric. *A singular modernity*. London: Verso, 2012.

JAMESON, Fredric. Afterword: On eurocentric Lacanians. *International Journal of Zizek Studies*, V. 13No. 1 (Autumn, 1987), pp. 161-168.

JAMESON, Fredric. *Allegory and ideology*. London: Verso, 2019.

JAMESON, Fredric. *Fables of aggression: Wyndham Lewis, the modernist as fascist*. London: Verso, 2008.

JAMESON, Fredric. No magic, no metaphor. *London Review of books*, London, v.39. n.12, p. 21-32. 2017.

JAMESON, Fredric. *Postmodernism, or, the cultural logic of late capitalism*. Durham: Duke University press Durham, 1997.

JAMESON, Fredric. *The Political Unconscious: Narrative as socially symbolic act*. London: Routledge, 2006.

JAMESON, Fredric. Third-World Literature in the Era of Multinational Capitalism. *Social Text*, Durham, No. 15 (Autumn, 1986), p. 65-88.

JAMESON, Fredric. *Signatures of the visible*. London: Routledge, 2007.

JAMESON, Fredric. Uma breve resposta. *Novos Estudos*. São Paulo, n.22, p.182-184, 1988.

LAZARUS, Neil. Fredric Jameson on “Third-World Literature”: A qualified defence.. In. HOMES, Sean; KELLNER, Douglas (orgs.) *Fredric Jameson: a crit-*

ical reader. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 42–62.

MAJUMDER, Auritro (2017): The Case for Peripheral Aesthetics: Fredric Jameson, the World-System and Cultures of Emancipation. *Interventions*. Houston, p.1-16, 2017.

TROTSKY, Leon. *A história da Revolução Russa*. 3v. Trad. de E. Huggins. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SZEMAN, Imre. Who's afraid of National allegory? Jameson, Literary criticism, globalization. In. BUCHANAN, Ian; IRR, Caren (orgs.) *On Jameson: From postmodernism to globalization*. New York: Suny Press, 2006. p. 189–212.

WARWICK RESEARCH COLLECTIVE (WReC). *Combined and uneven development: Towards a new theory of World-Literature*. Liverpool: Liverpool University Press, 2015.